

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Felipe de Oliveira

**As diferentes tintas para uma mesma pena:
Algumas dimensões em Machado de Assis.**

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio, como
requisito parcial para obtenção do título de licenciando em História.

Orientador: Professor Antônio Edmilson Rodrigues

Rio de Janeiro

Julho de 2019

Para mim mesmo

Agradecimentos

Agradecer... em primeiro lugar nunca me imaginei neste momento, escrevendo uma monografia, a imagem inicial era só de entrar na faculdade, porém, com essa imagem do estudo ser o melhor caminho, dedico meu maior agradecimento para meus pais, Rosalva e José Augusto, que em meio a tantos momentos sempre me proporcionaram a possibilidade de continuar com os estudos, e me deram também a felicidade em poder ter dois irmãos e amigos, Erika e Eduardo. Para minha família qualquer agradecimento ainda retribui muito pouco o amor e o carinho que me transmitem, agradeço pela família com quem todo o dia tenho contato.

Aos amigos que fiz ao longo da minha caminhada, todos os meus agradecimentos pelos carinhos, companheirismo, aventuras e desventuras enfim, aos bons momentos que tivemos até o presente momento. Em especial, cito Gustavo Moreira, Leticia Araújo, Maria Alice e Raphael Barreiros, pessoas com que sei com quem posso contar e sempre proporcionam as risadas mais memoráveis, os conselhos mais profundos, os dias mais únicos e finalmente as situações mais aleatórias que poderíamos viver.

À Jony Silva, presente nas boas lembranças.

À um querido amigo que também estará sempre presente nas lembranças.

Ao pessoal do Departamento de História da PUC-Rio, grandes conselheiros e de abraço acolhedor, em especial Claudio Santiago com quem divido sempre boas risadas, e a Anair de coração e alma ímpares e carinho ilimitado.

Aos professores que me inspiraram chegar até aqui e a todos os outros que disponibilizavam do seu tempo para dedicar-se ao ensino. E em especial dedico aos professores Antônio Edmilson boêmio carioca de enorme carinho e orientador. E também a Flávia Schlee Eyler, que ensinou sobre refletir a condição humana não somente durante as pesquisas de PIBIC, mas também em suas aulas, e finalmente ao professor Ilmar Mattos, uma inspiração na carreira de professor, mestre dos ensinamentos sobre lecionar e incentivador da boa ousadia em sala de aula, com

quem aprendi muito durante meu período de PIBID, uma experiência única e necessária a todos que desejam se tornarem bons professores.

Agradeço também ao Santa Cruz Universitário, projeto social que participo desde o início, um espaço da nostalgia das minhas épocas de pré-vestibular, e agora um espaço onde construo memórias como professor e participo da formação de futuros profissionais, conhecendo suas histórias e de certa forma auxiliando em seus sonhos.

E finalmente ao ponto final deste trabalho, que demorou, mas chegou.

Resumo:

Essa monografia tem como tema analisar alguns contos de Machado de Assis, selecionados para esse projeto, sobretudo na ótica de três perspectivas: a cética, a histórica e a crítica. O objetivo é demonstrar as diferentes óticas possíveis a serem trabalhadas na literatura machadiana, libertando-a de busca uma “essencialidade”, de sua inclusão em uma corrente específica de estudo e não o prender em algum determinado tipo de classificação.

Palavras Chave:

Machado de Assis; Ironia; Literatura; Crítica; Ceticismo; Histórico.

Sumário

Introdução	7
Capítulo 1: As diferentes tintas para uma mesma pena.....	10
Capítulo 2: As dimensões na literatura Machadiana	17
2.1 - O Reflexo de um Medalhão: a dimensão do ceticismo irônico.	17
2.2 - A mão por trás da vara: a dimensão histórica.	25
2.3 O esquema científico do desconhecido das almas: a dimensão crítica.....	33
Considerações Finais	41
Referências Bibliográficas.....	43

Introdução

Uma literatura lacunar... A atribuição pode se mostrar tão espantosa quanto ver Jacobina afirmar que “cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro”. A frase inicial deste trabalho não tem o mesmo caráter de curiosidade que a do personagem do conto *O Espelho*, no entanto, há uma explicação que ao longo desta monografia mostrará o porquê de uma frase tão solta no marco inicial de uma tarefa tão importante.

Mas vamos as clássicas formalidades, onde apresento aquele que figura o panteão da literatura brasileira, Machado de Assis ou Joaquim Maria Machado de Assis foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É o fundador da cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras. Ocupou por mais de dez anos a presidência da Academia, que passou a ser chamada também de Casa de Machado de Assis. A obra de Machado de Assis abrange, praticamente, todos os gêneros literários. Na poesia, inicia com o romantismo de *Crisálidas* (1864) e *Falenas* (1870), passando pelo Indianismo em *Americanas* (1875), e o parnasianismo em *Ocidentais* (1901). Paralelamente, apareciam as coletâneas de *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias da meia-noite* (1873); os romances *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), considerados como pertencentes ao seu período romântico. A partir daí, Machado de Assis entrou na grande fase das obras-primas, que fogem a qualquer denominação de escola literária e que o tornaram o escritor maior das letras brasileiras e um dos maiores autores da literatura de língua portuguesa.¹

De certo devo a Academia Brasileira de Letras a sucinta e perfeita apresentação sobre o autor, e passo a apresentar o estudo que esse trabalho busca evidenciar, que são as questões referentes a polivalência literária na obra de Machado. Refletindo sobre essa questão, cheguei ao meu objetivo de estudos inspirado no ensaio de Antônio Cândido chamado *Esquema de Machado de Assis*, a partir do contato com esses *Esquemas*, fui percebendo que a literatura machadiana

¹ Academia Brasileira de Letras. Machado de Assis. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>> Acesso em: 14 de julho de 2019.

poderia ser infinita em suas interpretações e articulações, para escapar da possibilidade de um inventário extremamente amplo e pouco aprofundado, selecionei as dimensões que mais poderia tecer observações, sendo elas a Cética e irônica; a histórica e finalmente a crítica.

Delimitada minha área de atuação, surge assim os objetivos que permitem a divisão dos dois capítulos deste trabalho, sendo o primeiro em relação a essa polivalência do verbo literário, no qual inspirou o título desta análise, chamada de “diferentes tintas para a mesma pena”, certamente uma brincadeira, um jogo de palavras onde as tintas seriam as múltiplas facetas interpretativa, na qual, a mesma pena escreverá. Para elucidar o objetivo do capítulo, faço o uso de interlocuções entre autores e pesquisadores da obra machadiana para demonstrar os discursos possíveis e formas diferentes de entendimento dos escritos do bruxo do Cosme Velho.

O segundo capítulo é a realização das análises das dimensões selecionadas e supracitadas, o método utilizado foi baseado nos grandes pesquisadores da obra de Machado, que, normalmente trabalham com os romances, para este estudo, preferi dar ênfase aos contos por se tratarem de textos mais rápidos, contudo, carregados de significados e sentidos que fazem frente aos mais estimados romances do autor. Ainda na categoria de métodos, me utilizei de uma estrutura baseada em pares complementares, dito isto, explico ao amigo leitor que para tirar maiores proveitos de cada uma das dimensões selecionadas para análise da obra machadiana, escolhi dois contos que abordem o mesmo tema, para serem encontradas as relações, e que ao mesmo tempo, tenham atribuições específicas, permitindo assim, uma ampliação do leque crítico que Machado teceu, seja a qual for o tema.

Utilizarei como material de fonte dos contos a compilação *Obra Completa Vol. II: Conto e Teatro*² (1959), em conjunto a uma compilação de contos selecionados e de vocabulário mais atualizado, *Contos Escolhidos (col. vestibular estadual - 1999)*³. Os textos selecionados para este trabalho, como já mencionado,

² As citações dos contos utilizados se reportam ao segundo volume da seguinte edição: Assis, Machado de. *Obra completa Vol. II: Conto e teatro*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar. 1959.

³ ASSIS, Machado de. *Contos Escolhidos (col. vestibular estadual)*. Ed. Klick. São Paulo. 1999.

buscam uma unidade temática, ao mesmo tempo, busquei aqueles que possam disponibilizar especificidades que por ventura não foram abordadas em um dos pares. Os contos selecionados para este trabalho foram *O Espelho: uma nova teoria da alma humana*⁴ em conjunto *A Teoria do Medalhão*⁵, no qual abordaremos o ceticismo e ironia machadiana, o segundo par de textos selecionados são *Pai contra Mãe*⁶ e *O Caso da Vara*⁷, que serão as bases de uma avaliação histórica, avaliando principalmente a relação da escravidão com o sistema político e de organização social do período. E finalmente temos a terceira e uma seleção de contos, sendo eles *O Alienista*⁸ e *A Causa Secreta*⁹, com o qual será abordada a dimensão da crítica de Machado, principalmente em uma relação cientificista que pretendia apresentar as certezas absolutas, inclusive as de natureza humana mais desconhecidas. Enfim, essa monografia pretende apresentar formas de avaliações possíveis da literatura machadiana, mas sem esquecer que esta é, segundo Antônio Cândido, polivalente, revelando assim, que há mais a se desvendar em sua literatura enigmática que esconde seu “mundo estranho e original sob a neutralidade aparente das suas histórias que todos podiam ler”.¹⁰

⁴ ASSIS, Machado de. *O Espelho*. In: Papéis avulsos. In: *Obra Completa Vol. II: Conto e Teatro*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro. Ed. José Aguilar. 1959. p. 341-346.

⁵ ASSIS, Machado de. *Teoria do Medalhão*. In: Papéis avulsos. In: *Obra Completa Vol. II: Conto e Teatro*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro. Ed. José Aguilar. 1959. p. 288-293.

⁶ ASSIS, Machado de. *Pai contra Mãe*. In: Relíquias de casa velha. In: *Obra Completa Vol. II: Conto e Teatro*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro. Ed. José Aguilar. 1959. p. 639-646.

⁷ ASSIS, Machado de. *O Caso da Vara*. In: Páginas Recolhidas. In: *Obra Completa Vol. II: Conto e Teatro*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro. Ed. José Aguilar. 1959. p. 558-562.

⁸ ASSIS, Machado de. *O Alienista*. In: Papéis avulsos. In: *Obra Completa Vol. II: Conto e Teatro*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro. Ed. José Aguilar. 1959. p. 255-288.

⁹ ASSIS, Machado de. *A Causa Secreta*. In: Várias Histórias. In: *Obra Completa Vol. II: Conto e Teatro*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro. Ed. José Aguilar. 1959. p. 498-504.

¹⁰ CANDIDO, Antônio. "Esquema de Machado de Assis". In: *Vários escritos*. SP: Duas Cidades, 1977. p.17.

Capítulo 1: As diferentes tintas para uma mesma pena

Ninguém sabe o que sou quando rumino...

Bons dias, Machado de Assis

Em algum momento da vida já se ouviu falar sobre Machado de Assis, se não, pelo menos sobre algum dos personagens de sua grande galeria, talvez Capitu, a bela jovem dos “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” ou somente dos “olhos de ressaca” que Bento Santiago – e boa parte dos leitores – se apaixonou, de certa forma, seja na escola, em uma peça, um seriado de televisão ou em uma referência, Machado de Assis então passa a ser reconhecido pelas novas gerações, perpetuando seu nome, e conseqüentemente, suas obras. *Dom Casmurro*, uma das mais famosas, que apresentam Capitu e Bento Santiago/Dom Casmurro figuram a constelação dos grandes clássicos literários do país, porém, não são somente os romances de Machado que participam deste ilustre cenário, mas também seus textos menores e de impacto e fama maiores que alguns de seus romances, os contos, dentre os quais *O Alienista* é sempre lembrado.

Machado de Assis foi jornalista, contista, crítico literário, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, além disso, trabalhou também em importantes cargos públicos assumindo posições em pastas como agricultura e comércio, e finalmente presidente da Academia Brasileira de Letras. Além desse vasto currículo há também atribuições que seus críticos e estudiosos lhe endossam, como historiador, psicólogo, cientista social e outras que tentam dar conta de uma essencialidade única a seus escritos, mas nos *Esquemas* de Antônio Cândido fica clara uma alusão a diversificação de Machado, sendo essa a marca de originalidade da literatura machadiana e também a hipótese de Cândido nos esquemas:

“Não é possível enfeixar numa palestra a análise adequada de suas diversas manifestações. Mas posso tentar a apresentação de alguns casos, para dar uma ideia da originalidade que hoje

nos parece existir na obra de Machado de Assis, e que foi sendo desvendada lentamente pelas gerações de críticos”.¹¹

O comentário de Antônio Cândido transmite a ideia das “diversas manifestações” interpretativas na obra de Machado, que ao longo do tempo foi traduzida em múltiplas classificações, dada a característica da “polivalência do verbo literário”, permitindo assim que em cada período e época, os estudiosos desses escritos encontrem suas obsessões e necessidades de expressão, desvelando assim, as camadas interpretativas disponíveis em um texto de estrutura de polivalência literária. Antônio Cândido completa dizendo que “o mais curioso é que provavelmente todas essas interpretações são justas, porque ao apanhar um ângulo não podemos deixar de ao menos pressentir os outros”.¹²

Somada a ideia de polivalência do verbo literário a sua ironia e estilo de boa linguagem, temos em mãos um texto que assume uma pluralidade que consegue unir a delicadeza de uma e força, que não se rende as “modas dominantes” e mantém um “aparente arcaísmo de técnica”. É importante ser ressaltado que este era um período, segunda metade do XIX, que novas formas e técnicas de literatura se apresentam, dentre elas “Flaubert sistematizara a teoria do romance que narra a si próprio, apagando o narrador da objetividade da narrativa; num momento que Zola preconizava o inventário maciço da realidade, observada nos menores detalhes”¹³. De fato, Machado fazia suas criações por caminhos e inspirações diferentes, demonstrando sua autonomia e inventividade, que mantinha também o tom de Sterne, desde os saltos temporais que brincavam com o leitor, até as formas que ecoavam o “conte philosophique” de deixarem as resoluções das histórias, por vezes sem solução, no ar.

A partir da característica ambígua, inventiva, e que por vezes, criavam perplexidades não resolvidas, estas, moldavam um tipo de leitura que parecia rir um pouco do leitor, gerando um estilo que mantém certa imparcialidade estética que fazem de sua obra terem uma “complexidade lúcida e desencantada, que esconde as suas riquezas mais profundas”¹⁴, portanto, culminando em obras

¹¹ CANDIDO, Antônio. "Esquema de Machado de Assis". In: Vários escritos. SP: Duas Cidades, 1977. p.23.

¹² Ibidem, p. 18.

¹³ Ibidem, p. 22.

¹⁴ Ibidem, p. 22.

verdadeiramente abertas, nas quais os estudiosos entram e tecem análises em suas permissivas lacunas, assim:

“A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que é ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar de seu arcaísmo de superfície”.¹⁵

As junções de características supracitadas formatam uma obra aberta, permitindo uma leitura que pode abrigar uma gama de possibilidades de interpretações. Antônio Cândido enumera alguns casos em seus *Esquemas*, a partir desses estudos, percebemos que a obra machadiana tem sentidos interpretativos, questões que permitem nortear uma pesquisa, no entanto, esta não deve ser encerrada em si mesma, afinal, determinado um ângulo de interpretação, não se pode deixar de ao menos pressentir as outras. As questões que *Esquemas* apresentam não abrigam uma unidade classificativa, ao mesmo tempo que pode se traçar uma narrativa entre ela, temos como exemplo a questão da identidade, onde Cândido destaca Augusto Meyer, que abordará sobre “a divisão do ser ou desdobramento personalidade”, outro tipo de questão abordada é sobre a relação devoradora do homem, algo de característica hobbesiana que demonstra “o homem como lobo do homem”, na qual se liga o “humanitismo”, que interpretado por Barreto Filho como uma sátira crítica ao positivismo.

Autores como Sidney Chalhoub, Roberto Schwarz e John Gledson, fazem uma abordagem da obra machadiana pelo viés histórico, traçando paralelos que acompanham o movimento histórico e estrutural da sociedade. Gledson por exemplo irá perseguir o curso da história desvendando e decifrando as alusões e alegorias que o bruxo comentava em suas obras, indicando as transformações sociais e políticas do seu tempo¹⁶. Roberto Schwarz buscava o comentário estrutural, com um entendimento sobre o funcionamento da sociedade brasileira do

¹⁵ Ibidem, p. 22.

¹⁶ CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis, historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 17-18.

XIX, no clássico *ideias fora do lugar*, levanta a tese de que Machado conseguia notar a contradição de um Brasil apoiado no “nexo colonial” a medida que se instala políticas liberais que não eram fieis ao que se passava na Europa, formando assim um campo de embates, que será transportado para a literatura machadiana, segundo Schwarz:

“Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente Brasil põe e repõe ideias europeias, sempre em sentido impróprio. É nesta qualidade que elas serão matéria e problema para a literatura”¹⁷.

Portanto, *ideias fora do lugar* traduzem um mecanismo ideológico específico, ligado a peculiaridades da estrutura social do Brasil, que serão as bases do funcionamento da ironia das obras de Machado de Assis. Ironia vista como parte importante da literatura e mesmo da crítica que Machado tece a sociedade e para além da sociedade, visto que, a literatura também estava sendo inundada por novas formas de se fazer, como já apontadas pelo realismo de Flaubert ou pelo naturalismo Zola. O Bruxo do Cosme Velho faz usos de arcaísmos, procura sugerir o todo pelo fragmento, a estrutura pela elipse, a emoção pela ironia e a grandeza pela banalidade, enfim, Cândido melhor explica a relação de Machado com os “modismos da época” quando cita que:

“Não é nos apaixonados naturalistas do seu tempo, teóricos da objetividade, que encontramos o distanciamento estético que reforça a vibração da realidade, mas sim na sua técnica de espectador”¹⁸.

Podemos concluir que sua ambiguidade, que é notável na ironia, também se faz presente na caracterização e descrição da condição de seus personagens, dado que, estes personagens ganham uma realidade mais profunda e complexa do que se fossem meros arquétipos dos tipos sociais inerentes àquela sociedade, buscando dessa forma, uma perspectiva mais rica, favorável a interpretação de múltiplas dimensões no conto machadiano. Porém nem todas as interpretações conseguem alcançar a riqueza perspectiva de crítica literária que, segundo Cândido e apoiado

¹⁷ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992. p.24.

¹⁸ CANDIDO, Antônio. "Esquema de Machado de Assis". In: *Vários escritos*. SP: Duas Cidades, 1977. p.22.

neste trabalho, deve ser pensada de forma mais ampla, como o autor descreve dada uma situação com Astrojildo Pereira:

“Numa situação nem psicológica nem biográfica situou-se também Astrojildo Pereira, preocupado com os aspectos sociais da obra, mas pecando na medida em que faziam deste lado o que faziam os biografistas de outro, isto é, considerando a obra na medida em que descrevia a sociedade e, portanto, dissolvendo-a no documento eventual”¹⁹.

Para corroborar a ideia da fuga dos “modismos da época” e principalmente ressaltar um protagonismo dos contos machadianos, na maioria das vezes escanteados pelos romances, trago trechos de uma crítica do mesmo período do lançamento da antologia *Papéis Avulsos*, por Ubiratan Machado (2003, p. 140) conforme citado por Gama Rosa (Gazeta da tarde - 1882)²⁰:

“Os *Papéis Avulsos* são, na essência e na modalidade, uma continuação da maneira iniciada nas *Memórias de Brás Cubas*.

O mesmo maneirismo, o mesmo pessimismo, o mesmo ar de sarcástico, cético, desiludido de tudo e de todos, as mesmas revelações apocalípticas, os mesmos sentidos obscuros e ambíguos, o mesmo humorismo doentio, o mesmo espírito enigmático fazem desconhecer, no primeiro como no segundo livro, o poeta lírico e o escritor romântico de outrora.

O fato possui significação e merece ser aprendido: trata-se não de uma mudança momentânea, um movimento acidental, mas de uma impressão perduradora, de um novo modo a ser adquirido pela individualidade do escritor.

[...] Não se distingue ali o escritor naturalista que se refere todas as grandezas e todas a ignomínias, com calma exatidão, com imparcialidade, friamente, como quem redige uma observação científica.

Por toda a parte transparece o antigo romântico, apaixonando-se pela narração, intervindo na luta, vindicando agravos, rancoroso e implacável.

Se não fora esse fato, se não fora intenção, ostensivamente manifestada na ironia pungente, no humorístico contínuo, nas reflexões venenosas, teríamos nos *Papéis Avulsos* um belíssimo trabalho realista, porquanto existe ali muita

¹⁹ Ibidem, p. 21.

²⁰ MACHADO, Ubiratan (org.). Machado de Assis. Roteiro de Consagração. RJ: Eduerj, 2003. p. 140-143.

observação, muita análise psicológica, um profundo conhecimento do homem individual e coletivo.

[...] Resumindo: o trabalho de Machado de Assis é a todos os respeito muito notável; aquelas páginas dos *Papéis Avulsos* não são escritas, são cinzeladas; quer pelas ideias quer pelo estilo, a obra possui a força das coisas perduradoras, sendo em tudo digna do escritor eminente, de reputação largamente estabelecida, chegando ao último estágio de um brilhante e completo desenvolvimento”²¹.

O trecho supracitado destaca bem as características que um conto, em relação ao romance, pode apresentar, afinal, a fina ironia permeia por completo a antologia, o que permite um maior e mais específico enfoque em questões do cotidiano, além da violência sofrida por grupos sociais marginalizados, principalmente a escravidão e as camadas mais pobres, como tratará o conto *Pai contra Mãe*, que é uma expressão máxima da violência de uma política e sociedade pautadas na vontade senhorial, como observado por Sidney Chalhoub. Outros destaques do trecho, que ampliam ainda mais a dimensão da crítica machadiana, diz respeito ao ceticismo que desacredita de tudo e de todos.

Para uma abordagem do ceticismo machadiano, trouxe para o presente trabalho, as análises de José Raimundo a partir de sua tese *A condição de observador na obra de Machado de Assis*,²² que busca “qualificar o ceticismo não como um aspecto, mas como o fundamento da ficção machadiana”²³, além de demonstrar uma gestação do ceticismo na primeira fase de Machado, e completa na segunda fase, chamada de maturidade, unanimemente associado ao marco de divisão baseado no livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Os personagens que adotam a perspectiva cética, segundo José Raimundo, são Brás Cubas, Bento e Aires, no entanto, estes são personagens que pertencem a galeria de romances de Machado, como esse trabalho visa analisar contos, os personagens em destaque serão o pai de Janjão do conto *A Teoria do Medalhão* e Jacobina de *O espelho: Esboço de uma nova teoria da alma humana*, o que por sua vez não exclui os outros

²¹ MACHADO, Ubiratan (org.). Machado de Assis. Roteiro de Consagração. RJ: Eduerj, 2003. p. 140-143.

²² MAIA NETO, Jose Raimundo.; MORAES, Eduardo Jardim de. A condição de observador na obra de Machado de Assis. 1987. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 1987. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?arqtese=1987-Maia_N_J_R.pdf> Acesso em: 15 de julho de 2019.

²³ *Ibidem*, p. 6.

contos, que serão aqui trabalhados, da dimensão do ceticismo, porém, o enfoque maior será destinado a esses dois personagens.

A argumentação que José Raimundo sustenta, de uma corrente ceticista que está presente como fundamento, ou pelo menos como parte importante, é comparável a Roger Bastide, segundo Antônio Cândido, quando contestou a máxima de que Machado de Assis “não sentia a natureza do país”, Bastide provou que além de Machado sentir sim a natureza do país ele o incorporava na sua composição literária. Assim, podemos considerar que as adições a “filigrana da narrativa” feitas por José Raimundo, figuram um sentir do cenário brasileiro da segunda metade do XIX, tal qual apontado na dimensão histórica, que será também incorporada como parte da narrativa, portanto, essas são essas as tintas que Machado usará para escrever seus contos, pois nos contos, se encontram com mais profundidade as questões que os romances pincelam, são nos contos que a crítica e a ironia são direcionadas, enfim, são nos contos que as tintas da diversidade interpretativa e a pena encontrarão a forma mais explícita de escrever o homem e a sociedade.

Capítulo 2: As dimensões na literatura Machadiana

As palavras têm a leveza do vento e a força da tempestade.

Victor Hugo

2.1 - O Reflexo de um Medalhão: a dimensão do ceticismo irônico.

Dois contos muito agradáveis de ler, *O Espelho*²⁴ e *Teoria do Medalhão*²⁵, foram reunidos e publicados em outubro 1882 na antologia *Papéis Avulsos*. Apesar do título, a ideia de avulsos não corresponde a uma falta de unidade no livro, Machado explica o significado em sua advertência:

“Este título de Papéis avulsos parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor coligiu vários escritos de ordem diversa para o fim de os não perder. A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são eles, mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa”.²⁶

Como pessoas de mesma família, os contos destacados apresentam relações entre si, mas também, suas singularidades. Para melhor conhecermos a família sentada a mesa, vamos começar pelo conto “*O Espelho: Esboço de uma nova teoria da alma humana*”, publicado originalmente no jornal *Gazeta de notícias*, alguns meses antes da publicação de *Papéis Avulsos*, no mesmo ano de 1882. A história se ambienta em uma casa de Santa Teresa, somos apresentados a “quatro ou cinco cavalheiros”, que tinham idade aproximada de quarenta e cinco anos, que conversavam sobre “questões de alta transcendência” eram “investigadores de coisas metafísicas”, que procuravam sempre resolver “amigavelmente os mais árduos problemas do universo” (OC, II, 341).

²⁴ ASSIS, Machado de. O Espelho. In: Papéis avulsos. In: Obra Completa Vol. II: Conto e Teatro. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro. Ed. José Aguilar. 1959.

²⁵ ASSIS, Machado de. Teoria do Medalhão. In: Papéis avulsos. In: Obra Completa Vol. II: Conto e Teatro. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro. Ed. José Aguilar. 1959.

²⁶ ASSIS, Machado de. Advertência. In: Papéis avulsos. In: Obra Completa Vol. II: Conto e Teatro. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro. Ed. José Aguilar. 1959.

Jacobina, até então conhecido como “calado” e que “no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação”, se transforma no narrador desta história. Tendo a atenção de seu público, e previamente acordado com seus ouvintes não replicar, o quinto cavaleiro então lança a afirmação que desenvolverá, dizendo “em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...” (OC, II, 341), Jacobina continua e completa que “cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro” (OC, II, 341-342). O narrador cita como exemplo Shylock da peça shakespeariana *O Mercador de Veneza*, revelando que este tinha como alma exterior os seus ducados, e que perdê-los equivalia a morrer. Porém, sua ideia é melhor aprofundada a partir de sua própria história, com “um episódio dos meus vinte e cinco anos...”.

A história que Jacobina trará das memórias dos seus vinte e cinco anos, são referentes ao posto de alferes que alcançara, causando entre os familiares “alegrias sinceras e puras”, já na vila onde morava “alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que esses perderam” (OC, II, 342). Apesar de citar a vila onde mora e a inveja de alguns outros rapazes, a marca interessante a ser percebida no relato é da distinção, pois, com essa marca de posto militar, o jovem Jacobina passa a ser, no decorrer da história e na estadia na casa de tia Marcolina a muitas léguas dali o Alferes.

Para poupar o amigo leitor de um longo resumo, vamos direto ao ponto do conto, ou, tratar sobre as duas almas. “O alferes eliminou o homem” diz o narrador, que completa afirmando que “no fim de três semanas, era outro, totalmente outro, era exclusivamente alferes” (OC, II, 342). A estadia na casa de tia Marcolina, trouxe ao jovem muito mais que elogios e mimos, – dentre eles um velho espelho que daqui a pouco falaremos – trouxe a distinção de sua alma exterior, a marca do alferes. Podemos observar que Machado apresenta a ideia de que a alma externa estaria ligada ao status e/ou prestígio social, e à medida que se passam as três semanas, o homem é eliminado pelo alferes, ou seja, a personalidade de Jacobina passa a ser menos importante que a imagem de seu status social, e tudo que ela traz consigo, de tal modo, que naquele universo – a casa da tia – o alferes nasce, e a humanidade de Jacobina se perde frente a imagem que socialmente é mais interessante de se preservar.

Machado, então apresentado o “senhor Alferes” e o universo que o cerca, – a casa da tia – de repente, com uma reviravolta muito orgânica a narrativa, esvazia o universo do senhor Alferes, em outras palavras, a casa passa a ficar vazia. Tia Marcolina, junto ao cunhado, vão acudir uma filha doente a cinco léguas de distância, sobrando na casa somente o jovem Alferes e alguns escravos. Eis aqui um momento crítico para a alma exterior do rapaz, ela se reduzira, e “estava agora limitada a alguns espíritos boçais”, é incrível como o jogo de palavras e a associação com o mundo social pode ser feito, afinal, se considerarmos a casa e seus moradores o microuniverso do alferes, ao esvazia-la não há que reconheça seu status, a não ser os escravos, mas estes são “espíritos boçais”, logo, socialmente inferiores não seriam um público nivelado para ter opinião validada.

O autor nos brinda com uma situação extremamente irônica, visto que, o espaço social onde Jacobina, então Senhor Alferes, expressava sua segunda alma, fora esvaziado e, mesmo havendo somente os “espíritos boçais”, esses também aproveitam a noite para fugirem, deixando o protagonista completamente sozinho e sem as bajulações que faziam referência a seu posto. O Alferes, sem público e mimos, sucumbira a uma quase loucura, a alma interior passa a ser refém de sua alma exterior, dado que, sem a apreciação desta, sentia que sua imagem estava danificada, difusa e quebrada, em outras palavras, sua integridade psicológica estava abalada. O próprio Jacobina descreve aos cavalheiros o que sentira naqueles dias solitários:

Fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico (OC, II, 345).

O título do conto que estamos analisando é *O Espelho*, e falaremos agora sobre aquele velho espelho, que preferi deixar para esse momento, pois, em definição um espelho tem a função de refletir a luz e as imagens de objetos e pessoas, porém, acompanhamos o desespero do jovem Alferes que, sem o reconhecimento exterior, não reconhece a si mesmo. Sua integridade estava ligada a opinião de outros, logo, “não olhara uma só vez para o espelho”, já que o espelho refletia o que sentia ao longo dos dias de solidão, um incompleto de imagem

corrompida e sem as linhas que considerava sua completude, a alma exterior, a figura do Alferes. Insistindo olhar para o espelho, não enxergava a identidade social que o posto lhe atribuiu, ou mesmo como Jacobina relembra: “não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra” (OC, II, 346).

Antônio cândido em seu “*esquemas de Machado de Assis*” demonstra que este conto – e aqui acrescentamos também o conto Teoria do Medalhão – trata de um dos problemas fundamentais de sua obra, o da identidade²⁷. “Quem sou eu? O que sou? Em que medida eu só existo por meio dos outros? Eu sou mais autêntico quando penso ou quando existo?”²⁸ São perguntas que segundo Cândido formarão o “substrato” dos contos e romances machadianos, a partir destas indagações, o autor cita Augusto Meyer, responsável pela “divisão do ser ou desdobramento da personalidade”, que levada ao extremo, suscita o debate sobre os limites da razão, baseada em uma normalidade homogeneizada e com ausência de subjetividade, e da loucura, onde a marca de subjetividade é problemática ao convívio social.

Mas o espelho que condena se tornou a salvação, visto que, o Alferes pode sustentar mais seis dias de solidão quando reparou que, vestido com a farda, conseguia novamente reconectar-se com sua segunda alma, a imagem no espelho era nítida novamente. Para além do espelho, é importante notarmos no subtítulo do conto: *Esboço de uma nova teoria da alma humana*, afinal, a história narrada pelo Jacobina apresenta uma nova forma de enxergar a alma, a transformando em duas. A analogia se apresenta ao sentido social, uma crítica a sociedade de máscaras, onde vende-se a aparência em detrimento da personalidade, uma vez que, cultivando tais características poderia se alcançar o sucesso, como trata o conto da *Teoria do Medalhão*, que abordará as características que um jovem rapaz nos seus vinte e um anos, aconselhado por seu pai, deveria exercer para se tornar um respeitado medalhão.

A problematização que analisaremos em *o espelho* se encontra também na *Teoria do Medalhão*, em ambos os contos a subjetividade dos atores das narrativas apresentam uma reflexão sobre as relações sociais. Pautadas em um mascaramento

²⁷ CANDIDO, Antônio. "Esquema de Machado de Assis". In: Vários escritos. SP: Duas Cidades, 1977. p.23

²⁸ Ibidem.

da personalidade íntima, para se assumir uma social, deste modo, fica mais claro o sentido atribuído a “um simples botão de camisa”, feito por Jacobina quando discorre sobre a alma exterior, do mesmo modo, seria o medalhão, uma figura de honras e respeitos para a sociedade. O significado do que é ser o medalhão já tem toda a perspectiva crítica possível, mas para que palavras não deixem de serem ditas, na ironia machadiana, a figura do medalhão é a síntese de uma sociedade que além de mesquinha é pobre de relações humanas, tal qual, os conselhos que o pai dirige a Janjão podem ser tomadas como bula de sucesso com a finalidade do prestígio social.

Brevemente resumindo o conto, podemos destacar que seu principal argumento está na exposição de ideias cínicas sobre o comportamento social, uma narração possível de quem faz uma profunda observação da sociedade, o pai de Janjão tece os conselhos que figuram um afastamento do ser para ascensão do parecer. Tal a preciosidade dos conselhos e maquinações que o pai transmite a seu filho, fazem o primeiro sentir equivalerem ao *Príncipe* de Machiavelli. De fato, a interpretação que o pai de Janjão faz da sociedade é precisa se este deseja alcançar sucessos e status sem muito esforço, dentre inúmeros conselhos, este talvez exemplifique o significado da publicidade dos atos:

“O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um Tratado científico da criação dos carneiros, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo” (OC, II, 291).

Teoria do medalhão e o Espelho, são exemplos que mostram uma crítica muito contundente a sociedade, além de obviamente mostrar Machado como um crítico da mesma, no entanto, trabalharemos aqui a dimensão irônica e cética que os narradores destes dois contos apresentam. José Raimundo Maia Neto, que em sua dissertação²⁹ fala sobre o ceticismo de machado e apresenta uma série de categorias, que são elencadas para demonstrar melhor o caráter cético do bruxo.

²⁹ MAIA NETO, Jose Raimundo.; MORAES, Eduardo Jardim de. A condição de observador na obra de Machado de Assis. 1987. 230 f. Dissertação (Mestrado) -Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 1987. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?arqtese=1987-Maia_N_J_R.pdf> Acesso em: 15 de julho de 2019.

José Raimundo também demarca os dois momentos, ou fases, de Machado de Assis com base na maturidade alcançada com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, não abrindo mão de explicar que a perspectiva cética permeia toda sua primeira fase, porém, alcançando forma madura também em sequência de Brás Cubas, onde haverá a dimensão da “crise cética”.

Antes, é necessário que apresentemos melhor as categorias que José Raimundo utilizará, são elas: (I) “vida exterior” que dimensiona a vida social, com suas dualidades e hipocrisias; (II) “paz doméstica” caracterizada no casamento, como local de verdade e transparência; (III) “homem de espírito” que é divorciado da vida exterior e ético; e por fim, (IV) “tolo” aético e de vida exterior. As categorias mencionadas são essenciais no entendimento do ceticismo e mesmo na ironia machadiana, afinal, delas nascerão a “crise cética”, que será o momento onde o homem de espírito será tomado pela vida exterior, e este, não achará mais o refúgio na paz doméstica, também tomada pela exterioridade. Porém, José Raimundo pontua também mais três categorias, com o mesmo objetivo de compreensão da perspectiva cética, mas essas, agirão como contraponto, sendo elas (1) “problemática” que é de natureza quase reflexiva, mas ainda que divorcia homens de espírito da vida exterior ; (2) “ingênua” que é o momento não reflexivo do homem de espírito, pois acredita em verdades para além das falsificações da vida exterior; e por fim, a perspectiva (3) “estratégica” normalmente associada aos tolos e as personagens femininas de Machado, por uma ausência de ética e os conhecimentos de como operar e manipular a sociedade.³⁰

A dimensão que os dois contos nos permitem trabalhar, são demonstrados a respeito de uma forma de ver o homem e sua sociedade, uma visão cética da natureza humana. Machado traz essa perspectiva cética e de forma amadurecida a partir de *Brás Cubas*, além disso, *Papéis Avulsos*, é uma obra lançada nesse período da maturidade dos escritos do bruxo. *Teoria do Medalhão* trabalha a dimensão do observador – pai de Janjão – um pensador, que em meio aos seus conselhos, se mostra conhecedor da opacidade das relações humanas, sempre considerando que

³⁰ MAIA NETO, Jose Raimundo.; MORAES, Eduardo Jardim de. A condição de observador na obra de Machado de Assis. 1987. 230 f. Dissertação (Mestrado) -Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 1987. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?arqtese=1987-Maia_N_J_R.pdf> Acesso em: 15 de julho de 2019. p. 12-13.

as pessoas atuam como personagens de peça no teatro, simulam sentimentos conforme lhes convém, e por essas razões, tão conhecedor das qualidades que constituiriam o perfeito medalhão. Machado mostra aqui seu ceticismo aceitando a imperfeição moral do mundo, e com isso o ironiza, usando como pano de fundo uma conversa "inocente" como a de um pai com um filho, membros de uma sociedade intelectualmente decadente e de aparências.

Analisando pela perspectiva que José Raimundo aponta, podemos entender o pai de Janjão através da perspectiva de contraponto cética, a “estratégica”, em razão desta perspectiva “estes personagens apresentam um conhecimento intuitivo da lógica das aparências que regem a vida social, opondo-se da cética por tratar-se de perspectiva não teórica, voltada para a ação e desprovida de eticidade”³¹. Em outras palavras, são personagens como o pai de Janjão, que manipulam as aparências em nome do sucesso de seus projetos, e nesses personagens que Machado derrama sua ironia, não obstante a crítica, que pode ser retirada do conto, em relação a uma sociedade e seus membros, Machado nos apresenta uma possibilidade de compreender a “verdade” daquela sociedade através de uma descrição irônica.

Retornando ao *Espelho*, podemos entender melhor as perspectivas que José Raimundo acrescenta ao trabalho, pois, podemos fazer uma modificação em suas caracterizações. Vamos levar em conta que o jovem Alferes tenha sua segunda alma, a alma exterior, como a principal – o que de fato acontece – a sua perspectiva será ligada à de “vida exterior”, ou seja, o local da vida social e de dualidades, e no momento que se encontra sozinho no sítio de tia Marcolina, de certa forma também inicia uma crise, afinal, ele passa a ser – não por vontade própria – um “homem de espírito” no que diz respeito ao divorciado da vida exterior. O que pretendo levantar é que de certa forma, o Alferes alcançou uma crise cética só que de uma forma contrária a levantada na tese de José Raimundo, no qual, sua crise foi dada por não

³¹ MAIA NETO, Jose Raimundo.; MORAES, Eduardo Jardim de. A condição de observador na obra de Machado de Assis. 1987. 230 f. Dissertação (Mestrado) -Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 1987. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?arqtese=1987-Maia_N_J_R.pdf> Acesso em: 15 de julho de 2019. p. 15.

estar mais inserido em um espaço de sociedade, estava agora recluso e solitário, gradativamente perdendo sua identidade.

O produto final, Jacobina, é o resultado da crise que o Alferes tivera naquele sítio, visto que, ele alcança uma visão reflexiva que possibilita a tematização da vida social³², ou seja, a perspectiva de uma dimensão cética do observador proporciona sua própria dimensão reflexiva. Se alguns anos mais tarde, Jacobina consegue ser esse narrador observador, teve como ponto de partida os dias de solidão e embasamento de sua imagem como um todo, a alegoria do espelho é a sua proposição de retorno a vida exterior, dado que, ao se vestir de Alferes em frente ao espelho, consegue alcançar sua ataraxia, ou paz mental, adquirindo assim um caminho adicional para o momento da crise cética, mas que provoca o mesmo resultado, como a máxima matemática de que a ordem dos fatores não altera o produto.

Outra forma de avaliação também seria pela questão moral, apontada e desenvolvida por José Luiz Passos em seu *Machado de Assis: O Romance Com Pessoas*, onde novamente o enfoque é direcionado aos romances, mas podemos transferir as ideias para os contos. José Luiz pretende dar conta da construção da moral dos personagens, questionado se há relação entre uma imaginação do juízo humano e qual sua relação com o sentido do romance³³, delegando uma análise sobre a imagem do indivíduo e não a imagem coletiva. Para corroborar com seu pensamento, ele utiliza a ideia de Nelson Rodrigues de “falsificar-se”, ou seja, “de que é possível buscarmos, com esforço ou prazer, a unidade da nossa pessoa ao mesmo tempo em que ensaiamos mudanças e nos imaginamos diferente do que fomos”, a dimensão de uma avaliação moral dos personagens culmina em falsificação, um ato de “lançar posturas novas frente ao mundo” pode ser entendido como as posturas, que principalmente o pai de Janjão, aconselha que o filho tome. Apresentando assim uma leitura cética, por parte do pai, para que Janjão se

³² MAIA NETO, Jose Raimundo.; MORAES, Eduardo Jardim de. A condição de observador na obra de Machado de Assis. 1987. 230 f. Dissertação (Mestrado) -Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 1987. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?arqtese=1987-Maia_N_J_R.pdf> Acesso em: 15 de julho de 2019. p. 48.

³³ PASSOS, José Luiz. Machado de Assis: o romance com pessoas. São Paulo. Ed. Universidade de São Paulo: Nankin Editorial. 2007. p. 24.

falsifique, desumanize-se de sua própria subjetividade diante dos olhos do corpo coletivo, vestindo assim, a postura de um medalhão.

O reflexo de um medalhão é um jogo de palavras que busca unir os dois contos em uma única lógica, pois que, o medalhão só poderia ser reconhecido como tal no meio público, onde as máscaras estão postas e sua subjetividade silenciada frente aos cultos sociais. O reflexo seria, portanto, o sucesso desta face do medalhão, que está completo sendo exibido e admirado no meio social, porém opaca e sem atrativos no que diz respeito a sua alma interior, não obstante, o Alferes, que em seu momento solitário, foi a face oposta do medalhão – do objeto medalhão – opaca, só ganhando vida novamente quando sua face vistosa fora novamente contemplada frente ao seu próprio reflexo no espelho.

Portanto, a farda do Alferes e o prestígio social na forma de medalhão, são as almas exteriores dos nossos personagens, que buscam seu reflexo social portando um aparecer acima do ser, pois este é manifestado através do outro, comungando da opinião de maiorias onde a subjetividade não tem espaço, ancorados em perspectivas de grandezas mascaradas e medíocres. *Espelho e Teoria do Medalhão* exprimem em sua centralidade a crítica a sociedade de corte, mas o fazem de forma irônica mantendo uma postura ceticista, demonstrando a força vital da ficção de Machado de Assis, afinal, com esta postura consegue questionar a realidade à medida que a inverte e brinca com seu leitor, proporcionando uma leitura com mais dúvidas do que respostas.

2.2 - A mão por trás da vara: a dimensão histórica.

Diferente do item anterior, os dois contos que serão analisados não pertencem a mesma antologia, mas ainda assim, continuamos a trabalhar com as singularidades de cada conto, mas principalmente suas relações. A antologia *Relíquias da casa velha*, publicada originalmente em 1906, também conta com uma advertência que vai ambientar os significados dos contos nessa antologia:

“Uma casa tem muita vez as suas relíquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu. Supõe que o dono pense em as arejar e expor para teu e meu desenfado. Nem todas serão interessantes, não raras serão aborrecidas, mas, se o dono tiver cuidado, pode extrair uma dúzia delas que mereçam sair cá fora” (OC, II, 635).

Dado o tom de relíquias, ao senso comum se imagina preciosidades antigas, ou mesmo objetos de estimado valor, os contos escolhidos para essa antologia correspondem exatamente ao que relíquia significa. Para análise, traremos a relíquia *Pai conta mãe*³⁴ que abordará a disputa pela sobrevivência em uma sociedade historicamente patriarcal, tema esse que Sidney Chalhoub sintetizará em seu *Machado de Assis, historiador*³⁵, sem esquecer também de argumentos levantados por Roberto Schwarz em seu *Ao Vencedor as Batatas*³⁶, objetivando a leitura histórica que permitirá uma análise sobre a exposição da vontade senhorial observada nas obras de Machado, pois, esta vontade senhorial que percorrerá todo o contexto de observação social e histórico nos contos e romances machadianos, segundo a visão dos historiadores.

Além de *Pai contra Mãe*, será trabalhado também o conto *O Caso da Vara*³⁷, publicado originalmente na *Gazeta de Notícias*, no ano de 1891, fora republicado oito anos mais tarde, em 1899, na antologia *Páginas Recolhidas*. Os contos selecionados trabalham com a temática da escravidão, porém, mais do que isto, aborda a organização social da corte, ancorada em patriarcalismo, clientelismo e dependências, no qual *Pai contra Mãe* proporciona uma melhor interpretação desses sentidos. O conto narra a história do personagem Cândido Neves, caracterizado como um homem pobre, que pouco se mantinha em empregos fixos e tendo seu meio de sobrevivência a busca por escravos fujões. Apesar de sua “profissão”, o narrador inicia o texto com certo afastamento temporal e com um tom saudosista sobre os tempos da escravidão, sua fala melhor exemplifica quando

³⁴ ASSIS, Machado de. *Pai contra Mãe*. In: *Relíquias de casa velha*. In: *Obra Completa Vol. II: Conto e Teatro*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro. Ed. José Aguilar. 1959.

³⁵ CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

³⁶ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

³⁷ ASSIS, Machado de. *O Caso da Vara*. In: *Páginas Recolhidas*. In: *Obra Completa Vol. II: Conto e Teatro*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro. Ed. José Aguilar. 1959.

diz: “ a escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais” (OC, II, 639).

A menção de afastamento temporal, descrita acima, conversa diretamente com o período de sua publicação no ano de 1891, em vista disso, três anos antes era assinada a da Lei Áurea, ou seja, Machado faz uma crítica direta a instituição da escravidão, mas também não deixa passar a oportunidade de criticar a lógica de domínio da vontade senhorial, que mesmo após o 13 de maio de 1888, rege a sociedade. Esta segunda crítica vai ganhar corpo ao longo do conto, uma vez que, a temporalidade que *Cândido* está inserido ainda é escravista, apesar de indícios mostrarem que esse período estava as vésperas de seu fim, pois, o narrador cita que “há meio século, os escravos fugiam com frequência”, demonstrando que os tempos atuais não eram os mais favoráveis para os “caçadores de escravos”.

O conto continua narrando a vida de *Cândido*, que em família *Candinho*, e faz um grande percurso de apresentação até o momento de sua crise, já casado, devendo seus alugueis e sem renda, já que optara por ser um caçador de escravos urbanos e estes estavam mais raros, seja pelo aumento das alforrias ou mesmo pelos concorrentes de profissão que começaram a aparecer. Enfim, toda a trama que – dentre muitas aspas – parecia leve começa a ganhar os contornos do conflito anunciado no título do conto, dado que, o filho de *Candinho* nasce e a situação já de altas despesas e com limitados ou quase nulos de recursos, corroboram a ideia de tia *Mônica*, para que entregasse o filho a “roda dos enjeitados”³⁸. Dado um maior aperto financeiro e a insistência de tia *Mônica* para a sobrevivência da criança, pois na roda “lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à míngua” (OC, II, 643).

O resultado da peleja entre tia e pai, os argumentos da tia se viram vitoriosos e o pai, foi entregar seu filho a roda, no entanto, a dimensão do conflito se instaura quando *Arminda* surge na história, a escrava fugitiva, na qual anúncios de jornal prometiam uma boa recompensa, e não demorou muito para que *Cândido* a reconhecesse na curiosa “Rua da Ajuda”. A dimensão do conflito de Pai e Mãe é pela sobrevivência da prole, o filho de *Cândido* ou o filho da escrava *Arminda*, e

³⁸ A roda dos expostos ou roda dos enjeitados consistia num mecanismo utilizado para abandonar (expor ou enjeitar na linguagem da época) recém-nascidos que ficavam ao cuidado de instituições de caridade.

Cândido acaba vencendo essa disputa que não tem vitoriosos a não ser o senhor de Arminda, afinal, no sistema social escravista, o mundo gira em torno do poder da vontade senhorial, fazendo de Arminda escrava e de Cândido dependente a medida que necessita dos recursos que a tarefa proporciona.

O resultado é cruel, Arminda depois de entregue ao seu senhor, aborta seu filho, enquanto Cândido volta para casa com o seu nos braços, para um sobreviver, outro teve de morrer. Chalhoub, através de seu *Machado de Assis historiador*, defende que Machado escreve e reescreve a história do Brasil da época que vive, e complementa que a sua afirmação é defendida também por dois críticos literários, apesar das perspectivas diferentes, já que, Robert Schwarz interpreta as obras machadianas como comentários estruturais, para John Gledson estas obras perseguiriam o movimento da história³⁹. Postos esses argumentos, Chalhoub persegue uma interpretação do domínio senhorial assentada em sua inviolabilidade ideológica.

A política de domínio, que se ancora na inviolabilidade da vontade senhorial e uma estrutura geradora de uma política de dependentes, portanto, garante uma unidade das relações sociais, causando uma imagem de curso natural.⁴⁰ Neste momento podemos resgatar as dimensões do ceticismo de José Raimundo, apesar deste ser um momento ainda da chamada primeira fase de Machado, podemos entender a dimensão da “vida exterior” – ligada a vida social – corresponde diretamente ao sentido das políticas de dominação. Ao tomarmos a ótica de Schwarz sobre uma análise de estrutura da sociedade brasileira do século XIX, dentro da obra machadiana, encontraremos os aspectos essenciais das estruturas de autoridade, conseqüentemente, Schwarz qualifica a família sendo “agente civilizador” ou “refúgio dos civilizados”, bem como “critério da moralidade e da racionalidade das ações humanas”, argumento que diretamente conversa com o pressuposto de “homem de espírito” de José Raimundo, que classifica este como ético e divorciado da vida exterior.

³⁹ CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis, historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. P 17-18.

⁴⁰ CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis, historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. P 17-19.

Em outras palavras, o desenho do ceticismo, ainda não completo da primeira fase dos escritos de Machado, conversam diretamente com as argumentações de estrutura de Schwarz e da inviolabilidade senhorial de Chalhoub. Podemos exemplificar utilizando o romance *Helena*, de Machado de Assis, utilizado como um dos grandes expoentes de sua primeira fase, pois, assim como para Schwarz e Chalhoub, que interpretam a figura feminina – especialmente de Helena no romance – como a figura que carrega a ambivalência. Helena é a personagem que entende o mundo sendo regido por aparências, logo, segundo José Raimundo Helena seria a perspectiva não teórica, mas sim estratégica que sabe operar dentro das aparências e as manipulando, e por tal motivo, consegue operar em Estácio – um homem de espírito – a realização dos seus desejos, seja quais os forem. José Raimundo exemplifica melhor em sua passagem:

“Estratégica, é como chamamos a perspectiva adotada pelos tolos da primeira faz, bem como pelos seus descendentes na segunda, e pela grande maioria das personagens femininas. Estes personagens apresentam um conhecimento intuitivo da lógica das aparências que regem a vida social. Opõe-se a cética por tratar-se de perspectiva não teórica, voltada para a ação, desprovida de eticidade. Os personagens que adotam a perspectiva estratégica manipulam estas aparências visando o alcance da celebridade”⁴¹. Assim como apresentada em *teoria do medalhão*.

Podemos perceber que as dimensões de Machado, ou como preferi chamar, as várias tintas usadas pela mesma pena que escreve suas obras, são complementares no entendimento da literatura machadiana, que ainda lacunar, ganha sempre novos contornos. O contorno que estabelecemos como conversa direta com os contos *Pai contra Mãe* e *O Caso da Vara*, é o histórico, que discorre sobre as estruturas vigentes e seus mecanismos de sustentação, principalmente no que tange as relações sobre a escravidão, por tal motivo, podemos entender que os contos destacados são analisados da mesma forma que *Helena* é analisada por Sidney Chalhoub. O autor de *Machado historiador* sugere uma leitura de *Helena* –

⁴¹ MAIA NETO, Jose Raimundo.; MORAES, Eduardo Jardim de. A condição de observador na obra de Machado de Assis. 1987. 230 f. Dissertação (Mestrado) -Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 1987. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?arqtese=1987-Maia_N_J_R.pdf> Acesso em: 15 de julho de 2019. p.13.

e aqui acrescento também de *Pai contra Mãe* e *O Caso da Vara* – com a ótica voltada para a história social e política Brasileira do XIX.

A política mencionada acima, se refere ao projeto saquarema, ou o *Tempo Saquarema*, como é conhecida a expressão cunhada por Ilmar Mattos⁴². O termo aponta para a alteração do status de burocratas e negociantes em grandes proprietários rurais, estabelecendo assim, uma classe senhorial que era perpetuada através de uniões de famílias proprietárias, ou o clássico casamento. Deste processo, de notável nobilitação em torno da Corte, os conservadores, chamados também de saquaremas consolidaram um estado de direção sob o domínio conservador, neutralizando as forças sociais e políticas, além da expansão de formas de solidariedade horizontal entre aquelas famílias proprietárias e clientelismos.

Portanto, a definições políticas e a leitura dos contos a partir de uma ótica social, permite analisarmos e identificarmos as como estavam montadas as estruturas sociais que regiam o Brasil do XIX na literatura machadiana. *O Caso da Vara* apresenta sistematicamente as relações de favores entre membros de mesma classe, o personagem principal Damião, apresentado como rapaz que sem vocação de seminarista, resolve fugir do seminário, “agora na rua, espantado, incerto, sem atinar com refúgio nem conselho” (OC, II, 558). Depois de ver que suas possibilidades o colocariam novamente no seminário, resolve procurar Sinhá Rita, amiga de seu padrinho, que é amigo do pai de Damião, podemos observar uma teia de relações entre iguais, onde Damião vai recorrer por uma intercessão que teria voz equivalente a ser ouvida e considerada para livrar Damião do seminário.

Neste conto, o autor situa o ano da narrativa como anterior a 1850, ano que colocou fim definitivo ao tráfico negreiro, a data é importante pois na conjuntura histórica revela como um período anterior aos primeiros abalos na política senhorial, isto pois, antes de 1850, em 1831 existiu uma lei de proibição do tráfico, mas tal lei foi ignorada e seus resultados não ultrapassaram a lógica de “leis para inglês ver”, ou também pensando nas máximas populares, uma “lei que não pegou”. Fica clara a relação de favores que caracterizavam as relações sociais do século XIX no Brasil, ainda assim, o conto parece tratar de um rapaz desvalido, sujeito dos

⁴² CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis, historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. P 18.

arbítrios de um pai extremamente duro, a vítima da história. Momentos depois, é inserido no conto a personagem Lucrecia, a descrição que Machado faz é algo a ser notado:

“Damião olhou para a pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos. Damião reparou que tossia, mas para dentro, surdamente, a fim de não interromper a conversação. Teve pena da negrinha, e resolveu apadrinhá-la, se não acabasse a tarefa” (OC, II, 559-560).

A descrição da pequena Lucrecia, uma das crias de sinhá Rita que aprendiam a fazer “renda, crivo e bordado”, causa uma equiparação na narrativa, dado que, ambos estavam desvalidos e ameaçados, para se livrarem do castigo, necessitavam de uma intercessão, Damião buscou a de sinhá Rita para que pudesse falar com seu padrinho que por sua vez conversaria com o pai do jovem fujão. Sabendo que a pequena Lucrecia não teria por ela ninguém, resolveu apadrinhá-la caso não tivesse cumprido sua tarefa, já que, ela teria ficado desatenta com as anedotas e chistes que o jovem Damião contava a sinhá Rita, e também pelas características que observou na menina, concluído que sinhá Rita não teria perdão caso não finalizasse suas tarefas.

O resultado do conto é a revelação da face mais cruel da vigência do sistema político e social da época, naquele Brasil do XIX, no qual, Damião para salvar sua própria pele, não hesita em reproduzir a mesma violência que até então, era equivalente à sua, de ser subjugado pelos mandos e desmandos de alguém, assim, o jovem também legitima a opressão de outrora, estava sendo vitimado e finalmente entrega a vara para que sinhá Rita possa punir Lucrecia.

A escravidão era a situação de máxima dependência nessa sociedade em que o centro da política de domínio é a produção de dependências e favores, e por consequência, conseguimos avaliar os contos já destacados. *O Caso da Vara* demonstra essa dinâmica de favores de forma mais explícita, onde Damião recorre a sinhá Rita, pois esta consegue exercer dominação sobre seu padrinho João Carneiro que, por conseguinte, consegue ser aquele que conversa com o pai de Damião, justamente por seus laços de solidariedade horizontais – explicado

anteriormente com o projeto saquarema – além das ligações familiares, afinal João Carneiro e o pai de Damião são compadres, fora desta relação sobram os dependentes sem horizontalidade de poderes e os de situação máxima de dependência, os escravos.

Arminda e Cândido Neves, de *Pai contra Mãe*, são exemplos da massa que compõe a sociedade de dependentes, a diferença que ambos estão na nivelção mais baixa, ambos são torturados pela mão que toma a vara, a mão senhorial. Em um mundo de centralidades voltadas para ideologia senhorial, abaixo das linhas de horizontalidades de solidariedade, todos eram, de certa forma, entendidos como cativos, assim como Helena e seu pajem Vicente, pois ambos vivenciavam a situação de cativos da vontade de Estácio, que por último, revela a vontade senhorial da sociedade⁴³. No entanto, a situação de Arminda ainda era a de máxima dependência, o que proporciona cenas no conto como a destaca no trecho a seguir:

“Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mal, e provavelmente a castigaria com açoutes, -- coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir” (OC, II, 645).

A descrição grotesca e fria do narrador, reflete a forma comum de como eram tratados aqueles que estavam na base da sociedade, um pavimento acima, temos Cândido Neves, homem pobre e livre, mas ainda assim, o panorama social do conto demonstra que no contexto escravocrata brasileiro, que legitimava a barbárie como mantedora de uma "ordem", fazia de homens livres como Cândido lutarem pela sobrevivência, tirando o seu sustento da vida alheia, fazendo parte dos chamados “ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais”, que com o fim da escravidão, foram perdidos também. Somente em relação ao escravo – ou aos pares de sua equivalência – que Cândido mostrava-se superior, afinal, na cena em que o proprietário da casa, onde Candinho morava com sua família, cobra os alugueis, o caçador de escravos somente “preferiu calar a retorquir”.

⁴³ CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis, historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. P 50.

No final dos dois contos, Cândido passa de vítima da sociedade, que não lhe dá oportunidade nem de constituir uma família, a algoz de uma pobre escrava fugida, da mesma forma, Damião se torna algoz de Lucrecia frente ao egoísmo de seus próprios interesses. Mas não se pode julgá-los por essa transformação sem acrescentar o sistema que estão inseridos, uma vez que, o sistema em que estão vivendo legitimam suas ações, sendo para Cândido, a saída para escapar à sua miséria, se submeter a sobrevivência que explorava uma “ordem” que regia o Brasil, que seria a exploração e a dor do outro para a sua própria sobrevivência, tal qual, a relação de Damião com Lucrecia. Enfim, a frase final de *Pai contra Mãe* mostra que Cândido além de fazer referência direta ao filho de Arminda, justifica a baixeza do seu ato, e para nossa análise, a frase justifica também a punição que sofre a pequena Lucrecia, deixada de ser salva pelo do jovem seminarista, demonstrando que de fato, naquela sociedade, nem toda criança vinga.

2.3 O esquema científico do desconhecido das almas: a dimensão crítica

Retomando o mesmo estilo em iniciar os subcapítulos desse trabalho, estaremos trabalhando as relações comuns, sob a ótica crítica, de dois contos machadianos: *O Alienista*⁴⁴, compilado na já citada antologia *Papéis Avulsos* de 1882, mas, com publicação original em *A Estação: Jornal ilustrado para a família*, no período de 1881 a 1882. E o conto *A Causa Secreta*⁴⁵, que fora publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* em 1885, e finalmente agrupado na antologia *Várias Histórias*, de publicação datada em 1896. A análise que será prestada a esse par de contos, se baseia na crítica de uma época que teorias científicas e sociais pretendiam dar conta do real, Machado por sua vez, escreve sobre as incertezas que pautam o universo do desconhecido, os sigilos da alma.

⁴⁴ ASSIS, Machado de. O Alienista. In: Papéis avulsos. In: Obra Completa Vol. II: Conto e Teatro. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro. Ed. José Aguilar. 1959.

⁴⁵ ASSIS, Machado de. A Causa Secreta. In: Várias Histórias. In: Obra Completa Vol. II: Conto e Teatro. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro. Ed. José Aguilar. 1959.

Para entender melhor o universo desconhecido que reside na alma humana, entra em cena o personagem Simão Bacamarte do conto *O Alienista*. De função homônima ao título do conto, Bacamarte já reconhecido e glorificado como médico na Europa, retorna para sua terra natal em Itaguaí, onde continuará sua devoção aos estudos e a ciência. Uma cena a ser destacada, ainda que inicial, em relação a D. Evarista, sua esposa, revela bastante do pensamento e a índole cientificista de Bacamarte, revelando os motivos de sua escolha:

“Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte” (OC, II, 255).

Algo a ser destacado, é a narração onisciente do conto e sua função descritiva, por vezes extremamente minuciosa, do comportamento dos personagens, ampliando ainda mais o entendimento que procuramos apontar nessa análise, sobre os sigilos da alma. O alienista Simão Bacamarte, por excelência, será o guia de nosso estudo, afinal, qualquer característica subjetiva, era visto por este como menor as que deveriam interessar ao sábio, como fez para escolher sua esposa, que reunia as de qualidade “fisiológicas e anatômicas de primeira ordem”. Simão, portanto, será a ciência encarnada, incapaz de entender a complexidade humana, dando abrigo a sua casa de Orestes, ou a casa verde, para todos aqueles que apresentarem manias ou demonstrem as expressões mais marcantes em suas personalidades.

Simão e seu projeto, logo de início surpreende a cidade e as vilas ao entrono, o alienista começa a ter muitos internos, como resultado, auxiliam na sua avaliação sobre a loucura, separados primeiramente pelas classificações de “furiosos” e

“mansos”, logo depois desta primeira classificação, elas eram ramificadas em subclassificações e assim por diante, até dar conta perfeitamente da mazela que sucede seu paciente. Bacamarte era “homem de Ciência, e só de Ciência, nada o consternava fora da Ciência”, de tal forma que tomava os autores mais célebres e seus livros como as próprias escrituras, dogmas de uma fé científicista, na qual, estaria ancorada a verdade absoluta, sobre a qual, tudo que se poderia explicar no mundo.

Válido dizer que os primeiros “hóspedes” na casa verde se tratam de casos visto e aceitos socialmente como loucos, no segundo capítulo do conto – Torrente de loucos – temos alguns exemplos daqueles que foram levados a tratamento, que se baseiam desde casos de amor até as manias de grandeza. No entanto, Bacamarte começa a surpreender a população de Itaguaí com suas novas escolhas para internamento, temos assim o exemplo de “um certo Costa”, recolhido a casa verde, visto que, perdera sua herança com empréstimos que nunca lhes foram devolvidos, e ainda, se sentia envergonhado de cobrar seus devedores, passando a ser até maltratado por estes.

Querido por grande parte da cidade, a população começa a se assustar com o rumo que toma as avaliações do alienista, principalmente depois da prima de Costa ir em socorro do mesmo, já que, depois de ir defender seu parente com uma história que suscitava uma certa “maldição” familiar que justificaria a falência de Costa, entretanto, o sentimento caudado na população é homônimo ao subtítulo do capítulo, o terror. A mulher fora ao hospício para seu defender o primo e, após contar tal história, acaba sendo na hora internada, e assim, o terror se instalara na população, no qual o narrador destaca com riqueza de detalhes:

“A notícia desta aleivosia do ilustre Bacamarte lançou o terror à alma da população. Ninguém queria acabar de crer, que, sem motivo, sem inimizade, o alienista trancasse na Casa Verde uma senhora perfeitamente ajuizada, que não tinha outro crime senão o de interceder por um infeliz. Comentava-se o caso nas esquinas, nos barbeiros; edificou-se um romance, umas finezas namoradas que o alienista outrora dirigira à prima do Costa, a indignação do Costa e o desprezo da prima. E daí a vingança. Era claro. Mas a austeridade do alienista, a vida de estudos que ele levava, pareciam desmentir uma tal hipótese. Histórias! Tudo isso

era naturalmente a capa do velhaco. E um dos mais crédulos chegou a murmurar que sabia de outras coisas, não as dizia, por não ter certeza plena, mas sabia, quase que podia jurar” (OC, II, 265).

O trecho destacado nos é de extrema valia, pois, se considerarmos a ciência como o reino das verdades absolutas, Simão Bacamarte é seu déspota, que com sua arbitrariedade cientificista justificava suas internações a casa verde, baseadas no argumento irrefutável da ciência. Podemos aqui já ter uma ideia da crítica machadiana que se desdobra sobre as teorias científicas e também sociais no final do século XIX, essas, queriam dar conta da complexidade social. Dentre as críticas comuns em seus contos, Machado se dirigia ao darwinismo social, o determinismo e positivismo, no qual a sociedade, figurada como Simão Bacamarte, poderia estar alienada a estas estruturas e para essa análise, o nome alienista não é dado como título do conto para descrever a profissão do protagonista, mas como parte integral da crítica de Machado, juntamente com o sobrenome de Simão que identificado por Yudith Rosenbaum (2016, p. 5) conforme citado por Orsini (2010) diz que a “objetividade absoluta funciona como um "bacamarte", que significa antiga arma de fogo, que destrói, no caso, seu próprio usuário”.⁴⁶

Passados esses dois internamentos, a população de Itaguaí estava assustada, mas esse sentimento se agravou ainda mais quando se soube do internado do albardeiro Mateus, que ficava horas admirando o luxo de sua opulente casa, e fazia mais cena quando percebiam que lhe vigiavam, certo dia um destes vigias foi Simão Bacamarte, depois da observação do alienista, o resultado não pode ser outro, e Mateus “no dia seguinte, foi recolhido à Casa Verde”. O caos estava instalado na região, mais e mais pessoas eram recolhidas à Casa Verde, nem mesmo o retorno de D. Evarista cessou a sanha higiênica de Bacamarte, proporcionando uma cena emblemática, e com crítica afiada no final:

“Como explicar que, logo em seguida, fossem recolhidos José Borges do Couto Leme, pessoa estimável, o Chico das cambraias, folgazão emérito, o escrivão Fabrício e ainda outros? O terror acentuou-se. Não se sabia já quem estava são, nem quem estava

⁴⁶ ROSENBAUM, Yudith. Machado de Assis e Guimarães Rosa: loucura e razão em "O alienista" e "Darandina". Machado Assis Linha, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 93-109, Dec. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-68212016000300093&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 julho 2019.

doido. As mulheres, quando os maridos safam, mandavam acender uma lamparina a Nossa Senhora; e nem todos os maridos eram valorosos, alguns não andavam fora sem um ou dois capangas. Positivamente o terror” (OC, II, 269).

“Positivamente o terror”, é uma fala crítica entregue em bandeja de prata ao leitor sobre o positivismo, assumindo uma postura em que esse método científico no meio social poderia causar perseguições higienistas, machado faz a sua crítica demonstrando a ciência sendo levada ao extremo, subjugando alguns homens ao despotismo científico. Uma característica observada por Antônio Candido no modus operantes da narrativa do bruxo, é assinalando que a transformação do homem em objeto do homem são demônios familiares a obra de Machado⁴⁷. Algo que é corroborado Segundo Yudith Rosenbaum (2016, p. 4) conforme citado por Bossi (1999, p. 90-91) “o normal seria algo de homogêneo repetido ao infinito. O normal é a forma pura da aparência pública, a forma formada, a forma alheia a qualquer movimento interior”⁴⁸.

“O sentido machadiano dos sigilos da alma se articula em muitos casos com uma compreensão igualmente profunda das estruturas sociais”⁴⁹. A frase de Antônio Candido, baseado em uma observação de Roger Bastide, é reveladora se tomarmos a ideia de que no conto *A Causa Secreta*, Fortunato é um homem que goza de uma aparente e “perfeita normalidade social de proprietário abastado e sóbrio, que vive de rendas e do respeito coletivo”⁵⁰, no entanto, contrasta com sua anormalidade essencial, ou seja, se Simão Bacamarte aprisiona todos que apresentem uma característica de personalidade marcante, pois era vista pelo alienista como uma mania que deveria ser afastada do convívio, Fortunato por outro lado, mostra saber operar dentro da sociedade e manter sua máscara de “normalidade social”.

⁴⁷ CANDIDO, Antônio. "Esquema de Machado de Assis". In: Vários escritos. SP: Duas Cidades, 1977. p.28.

⁴⁸ ROSENBAUM, Yudith. Machado de Assis e Guimarães Rosa: loucura e razão em "O alienista" e "Darandina". Machado Assis Linha, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 93-109, Dec. 2016. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-68212016000300093&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 julho 2019.

⁴⁹ CANDIDO, Antônio. "Esquema de Machado de Assis". In: Vários escritos. SP: Duas Cidades, 1977. p.31.

⁵⁰ Ibidem.

Personagem singular, Fortunato é detalhadamente descrito pelo narrador de seu conto, assim como em *O Alienista* era um narrador onisciente – 3º pessoa – permitindo uma minuciosa e aterrorizante construção da psicologia de Fortunato, revelando que este sente prazer em testemunhar a dor e o sofrimento alheio. A narração é iniciada apresentando três personagens e um clima de visível tensão, que pode ser descrita sem “rebuço”, dado que os três a tempos já estariam mortos e enterrados. O conto estabelece seu início na temporalidade do encontro entre Fortunato e Garcia, dois homens que, após um salvarem a vida de outro, iniciam uma relação de maior proximidade, tornando-se mais próximos e dali a diante, sócios em uma casa de ajudas.

Aqui podemos traçar outro paralelo entre os contos selecionados, visto que, tanto Simão Bacamarte quanto Fortunato, abrem uma casa com fins de experiência, enquanto o alienista busca um remédio universal para curar os loucos, Fortunato faz experiências para satisfazer seus desejos mais cruéis e baixos. Em suma, o ceticismo machadiano se apresenta mais uma vez pensando as “boas ações” dos personagens, observando que as intenções se apresentavam com um objetivo que se mostra um aos personagens periféricos, mas o sigilo da alma dos protagonistas demonstra que o fim último de suas ações eram outros, e juntamente com uma ironia poderosa, podemos estabelecer a crítica que Machado faz ao seu tempo presente, além de considerar os paralelos das análises estruturais presente na análise de Schwarz em relação a sociedade brasileira do XIX.

A aparência que se opõe radicalmente à essência é a centralidade desta análise, e fica mais claro ao final do conto *A Causa Secreta*, que revela as causas secretas das ações de Fortunato, que de aparente normalidade social, sendo mais um “capitalista, solteiro, morador em Catumbi”, mostra-se um homem cruel e por fim sádico. Retomando novamente o ceticismo de Machado, podemos observar as verdadeiras causas secretas em suas ações, como quando decidiu abrir a casa de ajudas, com uma intenção oculta de presenciar as dores daqueles que recorriam a casa, e com isso “Fortunato metera-se a estudar anatomia e fisiologia, e ocupava-se nas horas vagas em rasgar e envenenar gatos e cães. Como os guinchos dos animais atordoavam os doentes, mudou o laboratório para casa, e a mulher, compleição nervosa, teve de os sofrer” (OC, II, 502), culminando na repugnante cena de tortura

ao rato. Por fim, a mais cruel e sádica das causas secretas de Fortunato é descrita pelo narrador, logo após a morte de sua ainda jovem esposa:

“Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa” (OB, II, 504).

A *Causa Secreta* decerto é um dos contos, se não o conto mais sombrio de Machado, a partir da história de Fortunato temos uma ideia do esquema psicológico de um sádico, desmascarando a ideia de ações que realizadas podem se mostrar a mais completa bondade e dedicação ao próximo, quando na verdade são capazes de terem as motivações mais cruéis. Neste sentido a crítica e o ceticismo estão juntas neste conto para explicar como um homem pode manter sua imagem frente a sociedade, e ainda assim, não se desvincular de suas características doentias. Em uma visão complementar está *O Alienista*, que tem como intencionalidade crítica revelar os aparatos científicos, apoiados pelo estado, em um controle higienista da sociedade, ancorado em princípios positivistas de Comte e em determinismos biológicos provenientes do darwinismo social, o que pode ser notado quando Simão Bacamarte é anunciado pelos cronistas como “ilustre médico” com “formação na Europa” entre outras classificações que lhe delegam superioridade em relação a população de Itaguaí.

Enquanto em Fortunato, a questão se relaciona do homem que consegue manter atrás de sua máscara social suas características mais subjetivas – no caso do conto, as sórdidas – Simão Bacamarte tem uma relação do aparelho social, ou estatal, para avaliar os homens, que, quando mostram características destoantes com a razão, são taxados de loucos e recolhidos a casa verde. Se entendermos o alienista Simão Bacamarte como a ciência personificada, poderemos entender o jogo político que as “revoluções” ocorridas em Itaguaí, podem dizer, afinal, nenhuma delas conseguiu derrubar a “Bastilha da razão humana”, pelo contrário, apoiaram os internamentos, que de certa forma confirma que, naquele espaço, a personalidade é influenciada por forças sociais por sua vez, a sociedade é influenciada por razões

psicológicas, formatando assim um controle de razões científicas que buscassem separar os mais desenvolvidos (sãos) dos menos desenvolvidos (loucos).

Enfim, as ideias ilustres de homens iluminados se configuram no Brasil como uma “comédia ideológica” que segundo Schwarz, o Brasil exporta da Europa, mas quando em contato com a organização da sociedade tupiniquim, “degrada as ciências que eram consideradas as luzes, o progresso, a humanidade”⁵¹. Ao longo de sua reprodução social, o Brasil põe e repõe ideias europeias, sempre em sentido impróprio – impolítico e abominável⁵² – Justamente esse tipo de visão impolítica dos modelos europeus no contexto brasileiro, que Machado de Assis monta sua ficção e com a sua “boa linguagem” e “ironia fina”⁵³ a sua crítica. Configurando assim um questionamento cético sobre a permanência dessas ideias científicas que chegavam a corte brasileira, assim, Machado faz a leitura e aponta os descompassos destas ideias inseridas no nosso meio social, está posto o esquema crítico da literatura machadiana.

⁵¹ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992. p. 13.

⁵² SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992. p. 13-14.

⁵³ CANDIDO, Antônio. "Esquema de Machado de Assis". In: *Vários escritos*. SP: Duas Cidades, 1977. p.18.

3. Considerações Finais

Ao longo das análises, nos dois capítulos, podemos ter uma maior ideia sobre a pluralidade interpretativa possível que há na obra de Machado de Assis, desde questões que permeiam o ceticismo até a moral, da avaliação de um percurso histórico até a crítica da sociedade, a polivalência do verbo literário nos escritos machadianos, citado por Antônio Cândido, pode assumir diversas formas e desdobramentos possíveis, como um *prima* que recebe a luz por um lado e transmite as sete cores que a compões por outro.

José Luiz, por exemplo, fala sobre a questão da falsificação com foco na perspectiva moral. Tomemos mais uma o momento de passagem da primeira fase de Machado para a sua maturidade, figurada pelo lançamento das *Memórias Póstumas*, se considerarmos que o é este o livro que inaugura o realismo no Brasil, temos um realismo que se falsifica⁵⁴, afinal, o narrador além de autor defunto, a todo momento brinca com a verossimilhança, que é a característica mais prezada pelos realistas. Os personagens machadianos são irônicos, escorregadios, não se comprometem com a realidade, mas com a sua verdade pessoal, nesse sentido José Luiz encontra seu objeto de estudo, a moral, mas, se é tomada como característica única e determinante na obra do Bruxo, fica perdida, por tal motivo, acredito que tenha sim a composição e o desenvolvimento da pessoa moral e as composições da imagem de si, no entanto, atribuo essa característica como mais uma filigrana da narrativa, como anteriormente citado por Roger Bastide, ressaltando a característica lacunar da obra machadiana.

Machado também desacredita do cientificismo, grande norteador da corrente naturalista e influente na segunda metade do século XIX, sua crítica mais proeminente está em *O Alienista*, que contesta os progressos incontestáveis da ciência e suas verdades absolutas que tentam dar conta de toda a natureza humana. Não obstante da crítica pungente que se faz a essas relações, está também o ceticismo de Machado frente a esses modelos europeus transportados para o Brasil, pois observa com descrença a instalação desses modelos, tanto que criou o humanitismo como parodia ao positivismo de Comte.

⁵⁴ PASSOS, José Luiz. Machado de Assis: o romance com pessoas. São Paulo. Ed. Universidade de São Paulo: Nankin Editorial. 2007. p. 147.

O ceticismo de Machado, acompanhado do estilo irônico e fino da maturidade, são peças fundamentais para a crítica, José Raimundo exemplifica que o foco do romance – consequentemente para nós, o conto – já não incide sobre a trama em si, mas sobre um determinado olhar distanciado sobre a trama, permitindo uma maior reflexão em relação a ação, como acontece em *O Espelho e Teoria do Medalhão*. E novamente tomando as *Memórias póstumas*, ao falar sobre o ceticismo e o cientificismo em Machado de Assis, José Raimundo considera que é a obra na qual o autor melhor apresenta suas reservas quanto ao entusiasmo da elite intelectual brasileira sobre o positivismo e outros modismos do fim do século XIX, observando em Machado um distanciamento deste entusiasmo ao adotar uma perspectiva mais alargada da história humana, assim, ele problematiza o acesso à verdade a partir de uma reflexão sobre a teia das relações sociais, que encobrem a subjetividade dos atores.

De fato, Machado de Assis é uma figura ímpar, o qual sua literatura não se encaixa por completo em nenhum padrão pré-estabelecido, sinalizar a importância dos contos machadianos é ressaltar ainda mais sua obra, que normalmente tem maior visibilidade em relação aos romances. Estudar as obras do Bruxo do Cosme Velho não é uma tarefa fácil, porém, Cândido nos sugere que “não procuremos na sua obra uma coleção de apólogos nem uma galeria de tipos singulares”, procuremos sobretudo as situações ficcionais que ele inventou”. As situações ficcionais são melhores encontradas nas analogias de Machado, pois, mostram as transições imperceptíveis que unificam a diversidade do autor, como *Papéis Avulsos*, que preconizava na sua *Advertência*, que mesmo dotado de nome “avulsos” tinham uma unidade familiar, e foram compilados como a obrigação do pai os faz sentar à mesa. Enfim Tanto as situações ficcionais “onde os destinos e os acontecimentos se organizam segundo uma espécie de encantamento gratuito, quanto as outras, ricas de significado em sua aparente simplicidade, manifestando, com uma enganadora neutralidade de tom, os conflitos essenciais do homem consigo mesmo, com os outros homens, com as classes e os grupos”, faço como meu o conselho de Antônio Cândido, para que encontre esse mundo, abra diretamente um livro de Machado de Assis⁵⁵.

⁵⁵ CANDIDO, Antônio. "Esquema de Machado de Assis". In: Vários escritos. SP: Duas Cidades, 1977. p. 32.

4. Referências Bibliográficas.

Academia Brasileira de Letras. Machado de Assis. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>> Acesso em: 14 de julho de 2019.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa Vol. II: Conto e Teatro*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro. Ed. José Aguilar. 1959.

_____. *Contos Escolhidos* (col. vestibular estadão). São Paulo. Ed. Klick. 1999

CANDIDO, Antônio. "Esquema de Machado de Assis". In: *Vários escritos*. SP: Duas Cidades, 1977.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MACHADO, Ubiratan (org.). *Machado de Assis. Roteiro de Consagração*. RJ: Eduerj, 2003. (Cap.26).

MAIA NETO, Jose Raimundo.; MORAES, Eduardo Jardim de. *A condição de observador na obra de Machado de Assis*. 1987. 230 f. Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 1987. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?arqtese=1987-Maia_N_J_R.pdf> Acesso em: 15 de julho de 2019.

MATTOS, Ilmar Rohloff de, 1944 – *O Tempo Saquarema/ Ilmar Rohloff de Mattos*. – 7. Ed. – São Paulo: Hucitec, 2017.

PASSOS, José Luiz. *Machado de Assis: o romance com pessoas*. São Paulo. Ed. Universidade de São Paulo: Nankin Editorial. 2007.

ROSENBAUM, Yudith. *Machado de Assis e Guimarães Rosa: loucura e razão em "O alienista" e "Darandina"*. *Machado Assis Linha*, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 93-109, Dec. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-68212016000300093&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 julho 2019.

SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas. 4^a ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.